Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

ISSNe 2674-919X

Autoanálise: construindo minha subjetividade

Luiz Ernesto Cabral Pellanda[1]*, Porto Alegre*

O presente trabalho trata do meu processo de subjetivação com implicações na prática psicanalítica que realizei ao longo de sessenta anos à luz do paradigma da complexidade. Na perspectiva da complexidade, que substitui o paradigma da fragmentação, o meu olhar junta as diferentes dimensões da realidade e, assim, a minha subjetividade torna-se inseparável da minha práxis e do meio ambiente do qual fiz parte, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Palavras-chaves: Psicanálise; Complexidade; Autopoiese

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

[1] Membro efetivo jubilado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)/International Psychoanalytical Association (IPA).

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

"Nunca mais fomos os mesmos depois de tropeçar na pedra do meio do caminho".
(Mario Quintana, glosando Drummond)

1 À guisa de introdução: o caminho que fiz ao andar

Descrevo aqui o percurso de uma análise, a qual se iniciou tradicional, baseada na modernidade de um paradigma cartesiano, e que, de susto em susto, foi percorrendo novos caminhos na descoberta da complexidade e da *Autopoiese*. Com isto, quero mostrar o quanto a construção de si ocorre também pela ação no mundo e com o mundo.

O *Paradigma da Complexidade*, surgido em meados do século passado, embora muitos de nós ainda não o reconheçamos, modifica basicamente a proposta Newtoniana-Cartesiana de como ocorre o *conhecer*: muda o ponto de vista do sujeito que observa uma realidade externa a ele para aquele do observador incluído no fenômeno observado. Há uma nova epistemologia a ser desvendada, a ser construída. "Tudo o que é dito, é dito por um observador para alguém que pode ser ele mesmo" (Maturana, 1978/1997, p. 128) e, como tal, a seguir proponho algumas linhas para me situar como um observador incluído ao observar a mim mesmo enquanto ia tomando conhecimento dessas novas que modificavam a todos de dentro para fora.

Relato um caso de psicanálise que se desenrola intrinsecamente ligado com a história de nossa sociedade por ser parte importante do meio ambiente em que vivo, qual seja, o meu próprio caso, e, com isto, autorizo-me a quebrar o sigilo de mim mesmo. Pretendo realizar uma revisão do caminho que percorri desde os morros do Partenon até esta provecta idade atual como membro jubilado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Será um resumo de mim mesmo, ou seja, necessariamente é um texto em primeira pessoa. Faço aqui a cartografia das relações afetivas que me construíram na intra, inter e trans subjetividade, inclusive no desenrolar de uma simbiose com minha parceira de sessenta anos de convívio, proporcionando a construção de nossa *inteligência coletiva* e coautoria.

Freud entrou lá em casa pelas mãos de minha mãe, ainda antes de ela fazer o curso de Psicologia na primeira turma da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e mesmo antes de completar o de Filosofia (1945), também na primeira turma da mesma instituição, curso que ela realizou depois de se bacharelar em Direito (1939) na Faculdade que viria a formar o núcleo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa trajetória foi

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

acompanhando as progressivas possibilidades que a então pequena Porto Alegre propiciava, visando um desejo íntimo de conhecimento da natureza humana, talvez impelida por ter seis irmãos mais velhos e ainda ver o nascimento de outros três depois dela, ou talvez pelo fato de, ao se casar, ter escolhido um viúvo com dois filhos então menores de dez anos. No fim daquele ano, havia mais um integrante da família: eu.

Meu pai, filho de imigrante italiano, nasceu no interior, onde meu avô era *posteiro*[2] em uma fazenda, e fez a sua vida em Porto Alegre, primeiro estudando na Escola Superior de Comércio e logo entrando no Serviço Público Estadual por concurso em que tirou primeiro lugar. Ao fim de sua curta vida (para meu gosto), era Professor Catedrático de Estatística Econômica e Financeira da Faculdade de Economia da UFRGS, além de jornalista, crítico de arte e historiador com diversas obras publicadas sobre imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul, algumas coletadas em Pellanda (2023b)[3].

Figura 1 – Minha mãe na casa onde vivíamos. Acervo Pessoal, 1935.

A nossa família da classe média morava em uma casa de madeira no fim da linha do bonde Partenon. Vivíamos com os modestos ganhos dos nossos pais, de um fim de mês ao outro, sem maiores poupanças ou reservas. Sempre estudei em colégios públicos. Houve mesmo um episódio em que me neguei a comprar um livro indicado no colégio, durante o terceiro ou quarto ano primário, "porque era fim de mês" e o dinheiro devia estar curto... Houvesse *Twitter* nessa época e

[2] Posteiro – Regionalismo gaúcho para empregado de estância que mora na periferia dela, encarregado de cuidar das cercas e impedir o extravio do gado.

[3] Ver: Pellanda no Rio Grande do Sul. (2023b). Ernesto Pellanda. www.pellanda.com.br/Ernesto

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

teria virilizado o episódio, muito comentado entre direção e professores. Os pais trabalhavam enquanto nós, crianças, tínhamos um morro inteiro quase desabitado entre o Partenon e a Gloria para explorar, e fazíamos uso dele jogando futebol morro acima e morro abaixo (mudança de lado no intervalo...), descendo gramados em trenós de madeira e colhendo frutas silvestres, bergamotas e ameixas amarelas em um capão de mato existente nas margens de um regato que, na planície, formava a *fonte da Passarinha*, onde costumávamos navegar usando uma mala velha de madeira. Éramos felizes, e sabíamos disso.

Adolescente, acompanhei meus pais em viagem de trabalho ao Rio de Janeiro e fui fazer *Testes Vocacionais*, então muito em moda, na Fundação Getúlio Vargas, sob a orientação do Dr. Mira y Lopes, psicanalista espanhol, a quem conheci nessa ocasião. Depois de uma semana inteira de testes, ele me comunicou a decisão, para mim muito decepcionante, de que não havia contraindicação para nenhuma profissão, ou seja, eu poderia escolher o que desejasse fazer. Muitos anos depois, em análise, fui entender que, na verdade, desejava que decidissem por mim, aliviando-me de tal responsabilidade. Na época, as duas opções possíveis eram Engenharia ou Psicanálise, e havia uma indicação da primeira ter mais peso. Hoje penso que foi mais produtivo ter escolhido ser psicanalista profissional e "engenheiro prático não licenciado" do que o inverso... Mas, como veremos, isso teve consequências.

Enquanto a "engenharia amadora" limitou-se a montar rádios de FM, selecionar aparelhos de *Hi-Fi* para os amigos e gravar os concertos do Trio Porto Alegre no Salão Mourisco da Biblioteca, aparentemente não existiram maiores consequências, mas, quando aderi ao novo campo da informática pessoal, depois de comprar meu primeiro computador em 1979, aí parece que algo sagrado foi atacado. Como dizia um colega, velho companheiro de primeira hora nessas incursões, "perdemos muito amigos, intimidados pela nova tecnologia e que nos viam como ETs perigosos para seus respectivos modos pacatos de viver".

Aqui estou falando da "técnica" como integrante da experiência vivida, na autopoiese de cada um, e não apenas como a "prótese" de que falava McLuhan. Como diz Nicolelis (2011), "a bola faz parte do pé do Pelé, a raquete faz parte da mão do Gustavo Kuerten, passam a fazer parte do corpo na percepção do sistema nervoso central, do mesmo modo como o rastelo passou a fazer parte da mão do macaco" (p. 353). Todo conhecimento amplia a capacidade de pensar sobre qualquer assunto – tudo está ligado com tudo.

1.1 Aonde vou? Onde quero chegar?

Tenho uma formação psicanalítica *standard*, padrão IPA, treze anos de análise "didática" pessoal, quatro sessões de cinquenta minutos por semana,

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

onze meses por ano, além de mais quatro anos de seminários teóricos e clínicos com duas "análises de controle". Fui o primeiro da minha época a ser qualificado como *psicanalista*, quando fui aceito como Membro Associado da SPPA, título obtido com a aprovação de trabalho clínico sobre paciente homossexual. Fiz uso de prerrogativa vigente, não só não imprimindo como tampouco distribuindo o trabalho previamente na assembleia, onde apenas li o texto na íntegra, tudo para preservar a identidade do paciente, o que consegui. Aprendi muito com essa análise, especialmente no que diz respeito à individualidade do paciente, bem como a necessária convivência com meus próprios aspectos "trans" durante a autoanálise de preconceitos pessoais, o que foi feito com a ajuda do meu analista.

Ainda nessa condição de Membro Associado, que, à época, em termos estatutários, equivalia a ser Membro Efetivo, porque estes eram em número menor do que dez, fui eleito tesoureiro da SPPA. Olhando retrospectivamente, a experiência de participar do CTA da Sociedade, com seus segredos e mistérios, partilhando de intimidades dos mais velhos, revelou um lado humano de meus heróis que eu ainda não estava preparado para ver e, de algum modo, deve ter resultado em algo traumático, porque em nenhum momento posterior cheguei a pleitear qualquer cargo administrativo em nossa Sociedade.

Durante o meio século seguinte, descobri que a análise é mesmo interminável, então tenho procurado uma reformulação necessária para adequar a teoria e prática da psicanálise à mudança de paradigma ocorrida no fim do século XIX e representada pela constatação da complexidade nos fenômenos humanos.

Parto do princípio de que o Paradigma da Complexidade muda profundamente o modo como nos relacionamos com a "realidade" que não está dada *a priori*, mas é construída ao viver: seres vivos são autopoiéticos, isto é, produzem a si mesmos, física e mentalmente, como um todo, no processo de viver. Para isto, dependem da estrutura interna e da relação com o seu meio, com o qual trocam energia, mas não informação. A estrutura muda com as trocas de energia (alcalose pós-prandial, por exemplo), mas a organização permanece. A luz solar que me permite pegar um bronzeado é a mesma que faz uma folha verde produzir açúcar e água na fotossíntese – é a estrutura do ser que proporciona o resultado e não o que costumamos chamar de *estímulo* externo. Ora, isso tem implicações epistêmicas importantes, pois o que vem de fora não determina o resultado, que depende da estrutura do ser vivo. Se tal estrutura ficar comprometida, o ser vivo adoece ou morre.

O sistema nervoso, formado por células independentes chamadas neurônios, do qual resulta o que chamamos "mente", é um sistema fechado que só se comunica com o exterior por via de seus órgãos de sentido e placas neurais em glândulas e músculos. Tudo indica (Solms, 2021; Damásio, 1999/2000) que o cérebro é uma

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

máquina capaz de antecipar resultados e corrigir o rumo ao funcionar, mas trata-se sempre de uma interpretação pessoal, um resultado da experiência prévia daquele ser em especial. Só se pode ver o que se aprendeu a ver (Maturana, 1984/1990; 1994/1997).

Existe uma experiência muito esclarecedora sobre isto: os discípulos de Varela dividiram uma ninhada de gatinhos em duas metades, em que uma delas podia explorar o ambiente andando, enquanto a outra era levada pelos primeiros em um carro atrelado a eles. Depois de um certo tempo, com todos sobre a mesa do laboratório, os primeiros eram gatinhos normais, ao passo que os demais se comportavam como se fossem cegos, batendo nos objetos, caindo da mesa se não fossem impedidos (Varela, Thompson & Rosch, 1991/1993). Conclusão: não basta ter olhos para ver, é necessário que se *aprenda* a fazer isto. Como somos dependentes de nossa estrutura, uma pessoa que nasceu cega ou surda terá necessariamente um mundo interno diferente, no qual os valores de tato ou sensibilidade cutânea mostrarão predominância sobre sua visão de mundo, com um acoplamento diferente dos que podem e sabem ver.

Tive oportunidade de constatar isso muito antes de entender o que presenciava, com um amigo de meu pai, cego e absolutamente apto para viver, inclusive identificando onde estava em uma rua somente pela observação de ruídos e cheiros locais. Seu relógio de bolso "batia as horas" ao se pressionar a coroa e ele ganhava a vida cantando com sua bela voz de tenor.

Nenhum neurônio fica inativo; se o ser vivo for cego, a área correspondente é adjudicada a outra função vicariante, por exemplo, para uma maior acuidade do tato. Isto tem sido usado para criar uma "visão artificial" (MIT – retina artificial)[4] por projeção de estímulos elétricos de imagens simples sobre a pele ou por implantes no cérebro, como fez o pioneiro Miguel Nicolelis (2011) com Aurora, macaca que aprendeu a usar um *joystick* com os pensamentos. Se o cérebro se organiza de modo diferente, como nos autistas ou Aspergers, então mais ainda necessitamos compreender essa nova epistemologia para acompanhar o que se passa com eles (Pellanda, L., 2022).

Além disso, como salienta Von Foerster (2003) ampliando as ideias de Gregory Bateson, é preciso levar em consideração o que ele chama de conceitos de segunda ordem: "compreender o compreender"; ver não com os olhos, mas através deles. Embora tenhamos pontos cegos em ambos os olhos, vemos um campo contínuo, sem falhas ou lacunas, pois o processo de ver é resultado de

[4] Ver: Jonietz, E. (2004). Demo: artificial retina. In *Mit Technology Review.* https://www.technologyreview.com/2004/09/01/232456/demo-artificial-retina/ ; Mit (Produção). (2021). *"Artificial retina chip for image processing"* [Canal You Tube]. Acessível em https://Www.Youtube.Com/Watch?V=Bpcnmkmlfxk

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

ação secundária do cérebro, o que levanta de pronto a questão platônica: "o que é a realidade?". Se a visão precede a "realidade", então talvez cada um tenha a sua particular realidade. Ele lembra trabalhos de Maturana, Uribe & Frenk (1968), que

> (...) demonstram a existência de fibras centrifugas que se originam na porção central do cérebro e se dirigem à retina, distribuindo-se ao longo desta de tal modo que exercem controle sobre o que a retina vê. Por conseguinte, a retina está sujeita a um controle central e é por isto que devemos crer para ver. (Von Foerster, 1996, p. 71)

Desta forma, o que chamamos de *informação* é o resultado do funcionamento do organismo em relação ao seu meio, em um processo que Maturana chama de *Acoplamento Estrutural,* de modo que, para um observador externo, *parece existir transmissão* de conhecimento, quando, na verdade, ele é recriado por cada um em seu viver, seguindo a afirmação de que "Conhecer é viver, viver é conhecer**"** (Maturana, Varela, 1984/1990, p. 123). Se o ser vivo para de aprender, ele morre.

Duas consequências básicas para a psicanálise: a primeira é que a diferença entre *análise* e *supervisão* esfuma na medida em que se trata de um mesmo processo de aperfeiçoamento pessoal decorrente da relação com o analista e supervisor. Outra é que o psicanalista deixa de ser o "autor" da análise para se tornar o parceiro privilegiado em um processo que é comum aos dois (Pellanda, 1996).

É importante levar em conta o avanço de todas as ciências nesses mais de cento e vinte anos de existência da Psicanálise, inclusive dela própria. Eu sou psicanalista e pronto. É possível que a psicanálise seja hoje uma *Psicanálise* "*dois-ponto-zero*", e trato disto extensamente em um outro momento[5]. Entretanto, desde já reafirmo que a Psicanálise "*ponto um*" continua tão válida quanto a Física Newtoniana continua sendo em relação à Física quântica. Trata-se de uma questão do contexto em que se trabalha.

A pandemia da Covid-19 trouxe um benefício secundário ao nos fazer pensar sobre nós mesmos e nossa trajetória de vida, as perdas e ganhos que tivemos. Foi quando percebi que devo agradecer aos meus inimigos, que foram poucos e cordiais, por me bloquearem alguns caminhos tidos como obrigatórios para um sucesso profissional, os quais teriam me levado a fazer tarefas para as quais não sou propriamente apto. Meus primeiros textos eram rejeitados sob a alegação de serem "pouco psicanalíticos", quando, por exemplo, eu citava Piaget ou mesmo

[5] Ver: Pellanda, L.E. (2022). Uma nova epistemologia para a psicanálise: propondo uma neutobiopsicanálise [2.0] "dois-ponto-zero". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* 29(2), 275-295.

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

quando interrogava sobre o fato de eu experienciar prazer no relato clínico – como se fosse possível fazer algo de que não se goste –, sendo considerados mais trabalhos jornalísticos que psicanálise. Aqui agradeço a Oliver Sacks por ter restituído à medicina o "status científico" das narrativas clínicas, aliás, tão caras ao próprio Freud. Assim, restou-me seguir o meu caminho, o que fiz ao andar, como indica o poeta.

Como disse antes, existia ainda uma estranha questão na minha biografia: em 1979, aproveitando o congresso da IPA em New York, comprei o que talvez tenha sido o primeiro computador pessoal a entrar no Brasil. Entre os milhões de computadores que a Apple fabricou, o meu apresentava o número de série 00949, ou seja, inferior a um mil (!)... e o manual que o acompanhava, o grosso "Livro Vermelho", tinha páginas escritas à mão (!) impressas nele. Durante um evento na PUC-RS, quando o mostrei para Steve Wozniak, criador do computador vendido pela Apple, perguntando se a caligrafia era dele, confirmou tal fato respondendo com um "Wow, yes".

Esse computador, muito primitivo para os olhos atuais, obrigou-me a estar aberto para outras áreas do conhecimento, que incluíam as filhas mais velhas da cibernética, quais sejam, a informática e as ciências cognitivas, mas não só isto, muito em decorrência da necessidade de criar os programas para fazê-lo funcionar: lógica, rigor científico, recursão, realimentação positiva e negativa, lógica não linear, a lógica paraconsistente de Costa (1980), a bi-lógica de Matte-Blanco (1975), entre outras, conectando-me com a psicanálise e com a complexidade, fundando um novo paradigma. Cito ainda a preconcepção de Bion (1962/1966) ao antecipar a moderna neuropsicanálise de Solms (2021) e a "*embodied mind*" de Varela, Thompson & Rosch (1991/1993). Da mesma forma, e isto era básico, precisava mudar do ponto de vista do observador de fenômenos externos a mim para esta outra posição em que me tornava eu mesmo um observador incluído no fenômeno que observo, atendendo ao demonstrado por Von Foerster (2003).

Neste momento, vejo a psicanálise, uma ciência complexa, como sendo capaz de, para quem dela faz um uso adequado, possibilitar a instalação em si mesmo de um processo de complexificação individual que se dá simultaneamente com o de outro, o psicanalista, em uma interação construtiva crescente para ambos. Lembra Bion que a mãe também se beneficia da interação com seu bebê (Bion, 1962/1966, p. 109) porque, do mesmo modo, é um processo que inclui a ambos os autores. Penso inclusive que este seja o modelo do qual deriva posteriormente o que chamamos processo psicanalítico.

Com esta perspectiva, muda toda a questão do *setting,* o que explica porque tratamentos que continuaram via internet durante a pandemia que nos assolava

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

seguiram sendo úteis a seus participantes, às vezes – inclusive e paradoxalmente – sentidos como *mais íntimos* do que no consultório regular (Pellanda, L., 2023a). Manter o ritual do *setting* faz sentido porque estes mais de cem anos de experiência mostram-nos que tal ambiente é favorável à mudança que ocorre nas pessoas que se submetem ao processo psicanalítico, mas não é o uso do divã ou a frequência semanal os responsáveis pela qualidade do processo, tanto que podem ser alterados sem prejuízos graves, como demonstrado ao longo da pandemia da Covid-19.

O "sistema operacional" desse processo é o da *autopoiese*, caracterizado pelo acoplamento estrutural ao meio, e não pela adaptação à uma realidade externa dada. Já tratei de forma mais extensa dessa "desubstancialização" do *setting* (Pellanda, 2019) resumida acima, mas é necessário acrescentar que o conhecimento trazido pelas neurociências tem ratificado várias das intuições geniais de Freud, enquanto muito pouco tem se mostrado inadequado ou inexato, ainda que precisando de uma revisão dedicada. No contexto atual, é possível buscar o entendimento abandonado por Freud em 1895 por falta de substrato de conhecimentos sobre fisiologia cerebral, hoje disponíveis, assunto ao qual Mark Solms se dedica explicitamente, como é possível ler em seu livro *The Hidden Spring,* lançado em 2021.

2 Um novo paradigma em meio à minha autoanálise...

É Thomas Kuhn (2000/2003) quem diz que um novo paradigma é estabelecido quando o anterior já não consegue abarcar fenômenos que estejam sendo estudados. Ele comenta que, na medida em que um paradigma não é capaz de explicar um determinado fenômeno, vai sendo aberta uma fenda por onde se infiltra um outro modo de explicar, um remendo, no paradigma vigente. Ao se acumularem, esses remendos acabam por instituir um novo paradigma, o qual concorre com o anterior por validação (Kuhn, 2000/2003). A troca se completa pelo desaparecimento dos velhos proponentes do antigo, restando apenas os do novo... Entretanto, números complexos, equações não lineares, física quântica e o inconsciente, este inefável e complexo objeto de estudo da psicanálise, decretaram a necessidade de um novo modo de considerar tais fenômenos, com uma rapidez e predominância que atropelou muitos "velhos" incapazes de se adaptar aos novos tempos.

Tenho para mim que Sigmund Freud foi um pioneiro neste novo Paradigma da Complexidade, apesar de considerar a si mesmo um cientista cartesiano[6], mas,

[6] Interessante notar que também Spinoza dizia seguir estritamente a Descartes ao demonstrar sua Ética "à moda dos geômetras".

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

como introduziu um objeto de estudo inefável, o inconsciente, trouxe para cima da mesa um outro tipo de conhecimento, que não se podia reger pelos critérios lineares das ciências ditas "exatas", dependendo de novos modelos para encarnar a visão de mundo de cada um.

Em *O Caminho desde a Estrutura,* Kuhn (2000/2003) desenvolve e corrige seus próprios pontos de vista em relação ao que seja um *paradigma* e de como ocorre a substituição de um antigo por um novo. Ele chama a atenção para o fato de que "estar dentro do paradigma" é fundamental para constatar a coerência dos discursos, comentando de como achou Aristóteles "não apenas ignorante de mecânica como um físico terrivelmente ruim" (p. 26) até ter percebido que, ao falar de "movimento", ele estava falando de "mudança", e continua:

> (...) subitamente, os fragmentos em minha cabeça rearrumaram-se de uma nova maneira e encaixaram-se todos juntos em seus devidos lugares. Meu queixo caiu, pois, de repente, Aristóteles parecia, na verdade, um físico realmente muito bom, mas de um tipo que eu jamais havia sonhado possível. (p. 27)

Vejo este episódio como o relato honesto e sincero de um cientista se reconfigurando em um verdadeiro *insight*, quando "subitamente todos os fragmentos se encaixam", indistinguível daqueles que ocorrem em uma sessão analítica. Aos puristas que pretendem reservar tal palavra apenas para esta última situação, lembro que o paradigma mudou e, com ele, modificou-se o sentido das palavras, como segue demonstrando Kuhn (2000/2003) ao discutir a questão da *incomensurabilidade*, isto é, as linguagens peculiares de cada teoria, eventualmente não passíveis de tradução direta uma para a outra. Então, como neste novo paradigma estou considerando que se trata de um fenômeno de complexificação pessoal, penso caber aqui o uso da mesma palavra no seu sentido original, pois o que muda é o entendimento do fenômeno como sendo idêntico ao ocorrido no *setting*, mas que se entende como não dependente dele.

Meu exemplo preferido para este tema é de como não faz sentido falar em *estímulo* ou *inputs e outputs* se entendo que *o que vem de fora não determina*, isto é, se entendo ser a natureza do ser vivo o que determina o resultado. Até é possível pensar em usar a palavra *estímulo* para dizer que ocorreu uma mudança no ambiente externo diante da qual deve reagir o ser vivo, mas isto implica em conceder dois sentidos para a mesma palavra, algo que certamente não contribui para a clareza do discurso.

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

2.1 Como se deu a mudança do paradigma

Vendo retrospectivamente, já no fim do século XIX começam a surgir teorias que fogem ao determinismo newtoniano-cartesiano, como a noção de números complexos, as equações não lineares (Poincaré), a psicanálise, e, depois da virada para o século XX, surgem a física quântica, a cibernética e as neurociências. Como disse acima e repito agora, quando Freud inclui no estudo do ser humano o seu inconsciente, leva o problema para um outro patamar, pois, em sendo inconsútil, o inconsciente não pode ser estudado pelos meios tradicionais de tentativas e erros, algo que, aliás, os condutistas-comportamentalistas continuam a tentar validar.

Freud usa o próprio inconsciente como ferramenta para intuir o de seus pacientes, embora, nos começos, o que ele chamou de *contratransferência* fosse tido como não desejável. Foi necessário esperar por Henrique Racker (1952) e Paula Heimann (1950) para que se reconhecesse o potencial de poderosa ferramenta no entendimento do processo inconsciente de ambos, paciente e analista.

É interessante notar que, de modo difuso, vários psicanalistas já haviam intuído a necessidade de admitir uma mudança paradigmática, ainda que lhes tenha faltado este último passo de identificar qual o paradigma adequado para pensar a psicanálise. John C. Foehl (2008, p. 1234), por exemplo, examina as ideias propostas por Edgar A. Levenson no sentido de existirem sempre mútuas influências inconscientes entre analisando e analista durante o trabalho clínico. O autor reconhece a precedência de Racker em 1952 e outros, mas omite Paula Heimann, que lhe é anterior, dentro do eclipse que autores Kleinianos tem ou tinham na zona da *Psicologia do Ego*. Levenson "sugere que uma mudança de paradigma oferece uma diferença fundamental no modo de pensar a experiência humana" (p. 1234) e propõe, então, focar no processo e não na estrutura do que se pretende explicar, reconhecendo que o observador faz parte do fenômeno observado.

A psicanálise seguiu seu curso de ciência independente, rejeitada pelo *establishment* e negada pela medicina, até que os médicos americanos se apropriaram dela, declarando que apenas médicos poderiam praticá-la, no que foram seguidos por muitos, mesmo que de forma pouco clara. Esta situação foi resolvida após processo aberto por psicólogos que acusavam de monopólio a Sociedade Americana de Psicanálise (APsaA) e a International Psychoanalytical Association (IPA), processo este de longa duração e elevados custos, os quais cada um de nós, associados desta última, pagamos uma parcela.

No Brasil, cada Sociedade tinha sua própria posição, com São Paulo permitindo a "análise leiga" e Porto Alegre exigindo diploma de medicina, por exemplo. Fui dos primeiros a contestar essa posição, até por ter tido mãe profissional da área, não menos competente do que muitos, o que acabou acontecendo.

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Também a medicina de modo geral e a biologia, em particular, seguiram suas evoluções no sentido de relatarem situações que desafiavam o paradigma cartesiano. Por causa da estranha doença da filha do Sr. Macy, foram convocadas reuniões transdisciplinares que incluíam não só médicos como físicos, engenheiros, biólogos e mesmo um psicanalista, na tentativa de encontrar uma resposta ao sofrimento da moça. Essas conferências se repetiram a cada ano e ficaram conhecidas como as *Macy's Conferences*, delas resultando o que se conhece por *primeira cibernética,* com a demonstração de mecanismos de realimentação e controle, basicamente feita por von Neumann e Norbert Wiener.

Em um primeiro momento, foi reconhecido o fenômeno de realimentação dos sistemas, de modo que um determinado fato repercutia no modo como que se desenrolavam os seguintes. No caso de a influência ocorrer em partes anteriores do processo, surgia um controle do fluxo processual (*feedback*), ou então profundas e inesperadas consequências se o efeito fosse *a posteriori* (*feedforward*), podendo resultar em perda total do controle do sistema.

A entrada de Heinz Von Foerster no grupo trouxe uma nova abordagem à questão dos sistemas porque passou a incorporar a percepção de que o observador está sempre implicado no sistema observado. "De que posso falar senão de mim mesmo?" (Von Foerster, 2003, p. 283). Desse momento em diante, é possível se falar de uma "segunda cibernética", caracterizada por ser o observador incluído no fenômeno observado e alterando a percepção por partir das experiências pessoais dele. Trata-se de uma *ciência complexa*, na verdade um conjunto de ciências, um saber transdisciplinar, que forma um dos pilares do que hoje se conhece como Paradigma da Complexidade.

Aqui uma questão derivada e de fundamental importância – a ética em Psicanálise:

> No momento em que surge a noção de responsabilidade, temos a noção de ética. Vou então desenvolver a noção fundamental de uma ética que contradiz os princípios ordenadores que pretendem organizar o outro com o mandamento: 'Tu deves', e o substituir por um princípio organizacional, que implica organizar-se a si mesmo com o mandamento: 'Eu devo'. (Von Foerster, 2003, p 112)

Decorre daí que nem deveria ser posta a questão da obrigatoriedade da análise pessoal para fazer a formação que leva alguém a ser psicanalista – *a obrigação tem que vir "de dentro"*. É impossível ser psicanalista e praticar fraudes como aquela do *homo de Piltdown* ou se o analista desconsidera um impasse ideológico: neste

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

momento, por exemplo, eu não seria capaz de aceitar em meu divã um sujeito que se declare nazista. Dou-me ao direito de não ter mais paciência com esse tipo de negacionismo patológico não suscetível a um acesso racional ao menos para suscitar a dúvida inicial que permite discutir uma posição. Do mesmo modo, não é análise aquela em que o analisando esconde deliberada e sistematicamente uma falta de conduta ou atitude discriminatória. A sinceridade e a transparência são condições básicas de manutenção do processo psicanalítico.

Neste momento paradigmático em que passamos a considerar os sistemas e sua organização, em vez de estruturas fixas e funcionamento mecânico, convém lembrar que Freud, ainda nos anos 1800s, no dizer de Sacks (1998), "ficou convencido de se necessitar de uma nova maneira de ver o cérebro. Um modo mais dinâmico de vê-lo foi tomando conta dele" (p. 96). Dando ênfase na organização e não na diferença entre neurônios, Freud antecipa em um século os achados de Maturana, o qual afirma ser a organização do ser vivo aquilo que o torna tal, e não a natureza de seus componentes.

3 O processo de complexificação na biologia: o eixo neurociências – psicanálise

Penso que as neurociências e a psicanálise são ciências irmãs que partilham o mesmo objeto de estudo, o homem como ser autopoiético e não apenas um conjunto de nervos ou emoções. Sendo assim, partem de lados opostos sobre o mesmo eixo, uma vinda da biologia celular e a outra do aporte das emoções que geram sentido. Não há como não se encontrarem a meio caminho.

A psicanálise, criada por um neurologista inconformado com as limitações terapêuticas de seu tempo, tem uma teoria sobre as mudanças que vão ocorrendo nos seres humanos ao longo de sua vida, decorrentes do desenvolvimento orgânico, inclusive do sistema nervoso central, e das relações com pais ou cuidadores. No princípio, Freud pensou em termos de que uma zona erógena predominava em determinados momentos, mostrando etapas de predomínio oral, anal ou fálico, com suas consequências na formação pessoal. Melanie Klein chamou a atenção para o fato de que existe um Ego primitivo desde um primeiro momento, focando nas defesas desse ego ao lidar com ansiedades paranoides ou depressivas.

Mais tarde, em *O Ego e o Id* (1966/1923), Freud acrescenta um novo modo de organização da pessoa ao comentar que o Ego, em sendo aquela parte da mente que se relaciona com o exterior, é influenciado pelo meio, como se estivesse em um processo de oxidação, descrição que se aproxima, e muito, com a de Maturana

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

e sua autopoiese.

Seres humanos parecem ter um modelo de rede ao buscar as identificações constituintes de si mesmo. Os nós da rede que representam pais ou cuidadores certamente serão predominantes, mas nunca se sabe qual tio ou avó vai ser decisivo na constituição de um traço de caráter predominante mais adiante na vida. Diz Nize Pellanda (2022) sobre os elementos epistêmicos e ônticos:

> O primeiro deles é o princípio da rede como modelo de tudo o que existe. Esse princípio é epistêmico e ontológico ao mesmo tempo, pois está relacionado com o processo de construção do conhecimento e de si, que passa, necessariamente, pelas interações e afecções. (p. 112)

Quando Aristóteles diz que o Homem é um animal político, ele não está falando de política partidária atual, mas do fato de serem os humanos gregários e dependentes uns dos outros para construírem seus próprios modos de viver. Maturana retoma tal ideia e afirma que os humanos, em uma metáfora com animais que não completam sua metamorfose para a fase adulta, são *neotênicos*, dependentes de amor por toda a vida... Segundo ele, quando em pequenos grupos, seres humanos são amorosos e solidários. Freud chama a atenção do como nos comportamos de modo muito diverso quando participamos de uma turba, seja em um piquete ou na torcida de um jogo de futebol, como se constata cada vez mais hoje em dia.

Este modelo de complexificação de cada um, essa história de vida, parece faltar às neurociências. Um dos mais proeminentes de seus representantes, Mark Solms (2021), concluiu ser necessário ir até Londres fazer uma formação psicanalítica *standard* para integrar as duas em sua *Neuropsicanálise*. Os exames não invasivos que permitem inferir quais zonas cerebrais estão mais ativas, nem por sonho imagináveis no tempo de Freud, hoje trazem novos desafios para interpretarmos aquilo que tais exames nos dizem. As tractografias mostram os caminhos dentro do cérebro, o quê se comunica com o quê, e, como sempre, as respostas são muito mais globais do que se supunha nos tempos dos "localistas" puros à procura de algum neurônio que guardasse a lembrança de "vovó".

A *Teoria de Santiago* e *o Movimento de Auto-organização* extrapolaram seus propósitos iniciais, que se referiam às células vivas, para incluir seres multicelulares, organismos complexos e até mesmo sociedades, vistas como entidades autônomas: onde há referência à vida, necessariamente está a autopoiese. Tentando desfazer um mal-entendido epistemológico: a questão não é negar a existência de um mundo material – sim, se eu jogar um copo de vidro no chão ele se quebrará, com

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

toda probabilidade –, mas destacar como nos relacionamos com esse mundo. Isto certamente não ocorre por *representação* dele (Mondrzac *et al.,* 2013).

Aqui uma questão segue em aberto: se admitimos como correta a Teoria de Santiago ou, ao menos, se a consideramos adequada a este momento de evolução da ciência que postula não haver um mundo dado lá fora, pois tudo o que sabemos dele depende do acoplamento estrutural ao viver nesse mundo, então penso que o mesmo ocorre em relação ao mundo interior, constituído pelo *feedback* da *autopoiese consigo mesmo*, quando aprendemos a nos distinguir dos demais. Entendo que os sonhos fazem parte deste acoplamento com o interno, contribuindo para a elaboração dos conflitos inconscientes e antecipando decisões tomadas de modo inconsciente e só reveladas ao acordar... É célebre o sonho de Keculé com o símbolo do Uroboro, uma cobra comendo a própria cauda, e que o levou à criação da fórmula do anel de benzeno.

Se nossos pacientes são seres humanos – *vivos* –, então devem seguir as leis da biologia, incluindo, e principalmente, o fato de que somos seres autopoiéticos, ou seja, sujeitos às leis gerais da biologia de tal modo que nada do que vem *de fora* é causa de uma modificação do ser, mas a sua estrutura determina como e o quê muda, como já disse antes e agora repito.

Além da *Neuropsicanálise,* que tenta aproximar os aspectos funcionais do sistema nervoso com os conceitos psicanalíticos de Freud, por via de *voltar ao Freud do "Projeto", mas com outras ferramentas*, devemos agregar agora mais um elemento constituinte do humano: a sua natureza biológica, responsável por determinar como chegamos a mudar a nós mesmos e aos nossos pacientes por via da análise. A mudança de paradigma, como já dito, impõe uma nova postura diante dos fatos que observamos na clínica, incluindo aí o modo como o organismo muda ao conviver com novos ambientes mentais proporcionados pelo *setting* que usamos desde o começo e que se mostrou adequado aos nossos fins.

Faz diferença que uma compreensão possa ser quase instantânea e que a incorporação desse saber no organismo dependa de novas sinapses e da mudança estrutural dos circuitos neuronais, o que demanda tempo para modificações proteicas complexas capazes de envolver o sistema nervoso como um todo. A rigor, o que fazemos é proporcionar um ambiente amoroso e seguro para que cada um faça a sua complexificação como ser humano por meio do acoplamento estrutural nesse novo ambiente propicio.

Para esse processo complexo e integrado, neurologia de um lado, psicanálise de outro, sustentados pela natureza biológica de nossa espécie, proponho o nome de *Neurobiopsicanálise* (Pellanda, L., 2022).

Como nos tornamos autônomos (que alguns chamam "adultos") por

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

acoplamento estrutural com nosso meio, que diverge de maneira substancial conforme o estrato social em que estamos, penso que o sistema econômico-político que nos rege está assim justamente para manter o *status quo*. O filho de um marceneiro aprende a usar ferramentas ao natural, enquanto os filhos de intelectuais aprendem a usar *as letras* sem nem mesmo perceber que o estão fazendo.

Tenho para mim que a *Neurobiopsicanálise* possui o compromisso de romper com essa estrutura ao propor uma equalização de experiências desde os primeiros anos de ensino formal, propiciando a uns o uso das letras e a outros os instrumentos necessários para lidar com as lâmpadas e tomadas elétricas de sua casa... Experiências alternativas são importantes para que tenhamos a oportunidade de conviver com um mundo diferente daquele que há em casa, propiciando uma formação pessoal mais rica. O período escolar inicial é o mais importante e, assim, deveria proporcionar o maior número possível de oportunidades de contato com música vocal e instrumental, jogos da vida real e cibernéticos, de realidade aumentada, que tragam para dentro da escola algo que a maioria das crianças só teria mesmo nela, dando especial ênfase aos aspectos colaborativos em contraste com os competitivos. Muito mais importante do que *aprender conteúdos* é *aprender a aprender*, este sim constituindo o verdadeiro papel da escola em qualquer nível. Na "Formação Psicanalítica", não lembro de ter escutado falar de algum local onde se discuta como escrever um trabalho publicável ou sobre a ética do relacionamento entre os envolvidos no processo.

3.1 A questão da pesquisa em psicanálise

Tanto Bion quanto Von Foerster alertam para o fato de que as ciências complexas não podem ser avaliadas pelos critérios reducionistas de Popper. Tratando-se de um processo, não cabe avaliação de *performance*, no sentido de existir mais ou menos sintomas ou alterações de conduta. Somente o analisando pode dar conta do próprio progresso em termos de sua complexificação estrutural e maior resiliência diante das vicissitudes da vida, as quais são medidas por critérios íntimos, pessoais. Precisamos de "um metro para medir" essa complexificação, como proponho (Pellanda, 2010, p. 315).

Da mesma forma, o psiquismo não existe no ar, de maneira autônoma e independente do corpo físico que lhe dá vida. "O Ego é antes de tudo corporal" (Freud, 1966/ 1923, p. 27) – sempre me pautei por esta afirmativa de nosso patrono. Agora, com Maturana e Varela, e em seguida com Nicolelis e Solms, vamos entendendo como ocorre a atividade do corpo que dá origem aos pensamentos e ações que nos caracterizam como seres vivos.

Então, o que estamos fazendo quando fazemos pesquisa em psicanálise? Aqui

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

sigo Nize Pellanda (2022), que chama atenção para as cartografias como um modo de conhecer o que se dá em um fluxo – estamos cartografando o desenvolvimento de complexificações que vão nos constituindo ao longo do acoplamento estrutural com o nosso meio.

Penso que, como cientista, não tenho o direito de ocultar minhas andanças no sentido da construção de uma psicanálise que inclua o Paradigma da Complexidade no dia a dia do fazer psicanalítico, mas, ao contrário, carrego o dever de submeter minhas experiências ao crivo dos pares e observar as críticas bem-intencionadas, ou nem tanto, como condição de validação delas. Então, aqui vai.

Muito do que penso já está publicado em periódicos científicos, como a Revista de Psicanálise da SPPA, ou foi exposto em apresentações em eventos e congressos, mas é importante ressaltar que sou também o resultado de minhas vivências, seja nesta cumplicidade de sessenta anos com Nize Maria Campos Pellanda, seja nos encontros do *Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica* que formamos na SPPA sob o comando da Viviane Mondrzak[7], seja ainda na interação com os meus analisandos que propiciam minha própria autoanálise. Sem eles não seria quem sou, e sou muito grato a todos.

A psicanálise é uma ciência complexa, mesmo transdisciplinar, na medida em que trata seres humanos que são complexos, e não apenas seus "inconscientes" ou "neuroses", mas um todo mente-corpo que se pretende harmônico. Não advogo a necessidade de ser *expert* em física quântica, por exemplo, mas ressalto a importância de saber que existem fenômenos quânticos influindo no funcionamento do cérebro e, portanto, no estado mental de um momento, o que pode nos proteger da atitude arrogante de *já saber tudo o que interessa*.

Tampouco penso que se deva ter Ph.D. em neurociências, mas é fundamental saber que o cérebro é uma rede fechada de neurônios, a qual só se comunica com o exterior por via de seus órgãos de sentido ou de seus efetores em músculos e glândulas. Disso decorre que não existe *transmissão de conhecimento*, mas o conhecimento é inevitável, logo o mecanismo tem que ser outro – e, desde Maturana e Varela (1984/1990), sabe-se que o responsável por isso é o Acoplamento Estrutural.

Penso que não existe contradição entre este modo de ver e a *Neuropsicanálise* de Solms (2021) e outros, que retomam a tentativa de *engenharia reversa* de Freud quando imaginava quais dispositivos neurológicos seriam necessários para desempenhar as tarefas conhecidas do viver diuturno. Com certeza, existe muito

[7] O grupo inclui ainda Alice Lewkowicz, Eneida Iankilevich, Gisha Brodacz, Anna Luiza Kauffmann, Sérgio Lewkowicz, Idel Mondrzak e Gustavo Soares, além de Viviane e eu, mas incluiu também outros colegas que participaram por algum tempo.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

espaço para novas pesquisas que completem ou complementem o que se sabe correntemente. Portanto, cabe lembrar que seres humanos são, basicamente, seres vivos que compartilham com todos os outros seres vivos algumas particularidades que são expressivas e estudadas na biologia, que também é, assim, base da psicanálise e da neurologia.

Por exemplo: nessa concepção da Teoria de Santiago, "seres vivos" são unidades autônomas, autopoiéticas, que trocam energia com o meio, mas não trocam informação, que é criada dentro da unidade vivente como expressão do seu modo de viver, ou seja, recriar a roda é o nosso modo de ser e viver. Isto implica necessariamente levar em conta a nossa condição de seres vivos sujeitos às leis da biologia, com especial ênfase ao fato de que dependemos do acoplamento estrutural para nos constituirmos como pessoas.

Qualquer pesquisa em psicanálise não pode deixar de fora o ambiente onde ocorre, inclusive as pessoas do analista e do analisando: formam um sistema que, em funcionamento harmônico, leva à complexificação de ambos e às mudanças no ambiente. De qualquer modo, como em outras ciências complexas, nunca se poderá descrever todas as variáveis, de modo que os resultados serão sempre estocásticos, não lineares, não aptos a descrever o futuro, salvo nos termos de probabilidades.

3.2 Freud e a complexidade: quais intuições seguem válidas hoje em dia?

Sobre *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1966): trata-se de anotações de próprio punho de Freud feitas em 1895, em uma tentativa de entender o funcionamento do cérebro a partir de seus elementos constituintes, os neurônios. Estes tinham sido descritos por Golgi, o qual pensava que eram parte de uma rede anastomótica, tipo rizoma, mas Ramón y Cajal demonstrou não haver continuidade entre eles, confirmando a teoria neuronal de Waldeyer, citado por Sacks (1998).

Neste momento de seu percurso pessoal, Freud (1895/1966) tenta compreender o fluxo de energia que intuía fluir no cérebro, "como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livre de contradições" (p. 295), chamando Q o que distingue repouso de atividade e tomando os neurônios como partículas materiais.

Ele introduz o princípio da inércia neuronal, quando os neurônios tendem a se livrar de Q para permanecer em um estado de mínima excitação. Em um sistema nervoso elementar, o arco reflexo representa essa descarga diretamente no sistema músculo-esquelético. Na medida em que o organismo se complexifica, "existe espaço para o desenvolvimento de uma função secundária". (p. 296), ou seja, postergar o efeito do arco reflexo.

O sistema nervoso se constitui de neurônios distintos e similares uns aos

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

outros, os quais se conectam por intermédio de uma substância alheia a eles, de tal modo que recebem excitações pelos dendritos, entregando-as via axônio. Entretanto, deve-se admitir que existem resistências à descarga, provavelmente nos contatos entre eles, formando *barreiras de contato*.

Ao conduzir a excitação de um neurônio a outro, ocorre uma modificação da substância protoplasmática existente entre eles, de modo que uma futura passagem seja facilitada. Neurônios que disparam juntos tendem a reforçar a sua ligação, noção esta que apenas décadas depois será retomada por Hebb (1949).

Por hipótese, devem existir dois tipos de neurônio: um formado por elementos permeáveis φ e outro por elementos impermeáveis ψ, capazes de armazenar Q. Freud (1895/1966) diz então: "Se isto se confirmar, não os teremos inventado, mas apenas descoberto o que já existia" (p. 295).

Freud (1895/1966) faz considerações sobre *quantidade* e *qualidade* dessa energia, tentando entender a dor como um excesso que ultrapassa os limites de controle do sistema. Ao desenvolver a sua teoria, Freud (1895/1966) destaca a necessidade de conceber um terceiro tipo de neurônios, ω, constituindo um sistema perceptivo e que teria algum papel no estabelecimento da consciência, entendida por ele como a percepção subjetiva de uma parte dos eventos neurais.

Ainda que seja produto de um raciocínio muito sofisticado, Freud (1895/1966) declara-se desiludido com os resultados, especialmente pela dificuldade de explicar a consciência, e abandona este projeto, inclusive fazendo de tudo para que o texto não fosse publicado quando tomou conhecimento, em seus últimos dias, de que ele havia sobrevivido entre os papéis de Fliess.

Resta perceber o quanto um projeto abortado pode ser entendido como parte de um percurso pessoal do autor, levando-o a outros patamares de formulação teórica. Inúmeras "notas ao pé" ao longo dos vinte e dois volumes de suas obras completas remetem à origem de ideias antes esboçadas no "Projeto".

Mark Solms (2021) retoma tal projeto com a vantagem de fazer isto 120 anos após, instrumentalizado por diversas tecnologias não invasivas de imagens de cérebros funcionantes. Ele reconhece que o afluxo de oxigênio nos locais de maior atividade cerebral não deixa de ser um aporte energético aos neurônios em funcionamento, algo que, pelo menos em parte, confirma as intuições geniais de Freud.

3.3 Como penso a formação psicanalítica – sociedades psicanalíticas são *guildas*?

Se mudamos de paradigma, isto precisa ser explicitado nos cursos teóricos dos institutos das diversas sociedades porque é necessário reconhecer a necessidade

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

de uma epistemologia inédita para dar conta de novos fenômenos ou novas maneiras de encará-los.

Pressupõe-se que os candidatos a psicanalistas já possuam conhecimentos razoáveis de humanidades e de processo científico, mas nada impede a realização de um seminário de discussões sobre cultura e conhecimentos humanísticos no início da formação. Com certeza, além de Freud, Melanie Klein e Bion, devemos rever os seguidores mais destacados, mas é imprescindível incluir um seminário de biologia do Conhecimento, algo básico para poder acompanhar o desenvolvimento deste novo Paradigma da Complexidade, bem como noções de *Neuropsicanálise* ou neurociências, se não quisermos nos comprometer com um aspecto particular desse desenvolvimento.

Ética, no Paradigma da Complexidade, como diz Von Foerster (2003), decorre da noção de responsabilidade pessoal no processo, de modo que é preciso substituir o *tu deves* por um *eu devo*.

A Ética tem que ser amplamente discutida, inclusive para identificar aquelas pessoas com distúrbios de caráter inadequados para a prática da psicanálise. É necessário estabelecer uma ponte entre epistemologia e ética, segundo Bateson, G. & Bateson, M. (1987/2000), mais ainda por se tratar de uma epistemologia psicanalítica, a qual precisa de uma revisão para se adequar ao novo paradigma. Na nossa sociedade, tivemos um *Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica* que atuou por mais de três lustros, produzindo trabalhos publicados na nossa e em noutras revistas, como, por exemplo, S*obre representar e não representar*, que apareceu em letra de forma na Revista da SPPA, 20, n. 3, e que foi ponto de partida para uma intervenção da Inter-Regional Encyclopedic Dictionary of Psychoanalysis (IRED)[8].

A pandemia da Covid-19 decretou o fim de reuniões presenciais e arrefeceu o entusiasmo do grupo, mas não está fora de questão um reaquecimento das atividades diante dos novos desafios que a psicanálise, como parte das conquistas humanas, vai certamente enfrentar junto com as demais ciências na questão da sobrevivência dos seres que habitam este pedaço do Cosmos.

Quando Max Eitingon propôs o tripé de formação no Instituto da Sociedade de Berlim em 1925, estava antecipando o conhecimento trazido por Maturana e Varela (1984/1990) de como ocorre a complexificação das pessoas por intermédio do acoplamento estrutural com o meio. O *tripé* é caracterizado pelo conjunto de estudos teóricos nos seminários clínicos, embasados pela análise pessoal do analista em formação e pela sequência de tratamentos acompanhados por um supervisor

[8] Ver: International Psychoanalytical Association (IPA). (2023). IPA *Inter-Regional Encyclopedic Dictionary of Psychoanalysis.* www.ipa.world/en/encyclopedic_dictionary/English/home.aspx

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

qualificado, ou seja, pela ação de cada um em uma relação consigo mesmo e com o seu meio, aprendendo por fazer.

Esse tripé vale para qualquer proposta de formação pessoal. Fico pensando que as g*uildas* medievais usavam o mesmo método, com o seu modo de formação profissional pelo trabalho junto a um *Mestre orientador*. Embora isto resultasse em um certo nepotismo, favorecendo pessoas de uma família para um determinado ofício, parece-me mais a consequência do fato de que eram os mais próximos os recrutados para integrar o *ofício*, fossem eles filhos, primos, amigos da vizinhança, do que propriamente uma política de exclusão, apesar do evidente desejo de preservação contra concorrentes desqualificados, algo que ocorre até hoje em dia, quando nos defendermos dos psicoterapeutas de *TikTok* e *Twitter*...

O conhecimento decorre da ação sobre o meio. Se não existe *transmissão* de conhecimento, como ele necessariamente acontece? Sempre pergunto a meus analisandos: em qual escola colocaste os teus filhos para que aprendessem a falar? Aprende-se por estar entre pessoas que falam. Para fornecer esse *meio ambiente* de partilha de ansiedades contratransferenciais, as sociedades psicanalíticas servem também de espaço aos psicanalistas proibidos por sua ética pessoal de *desabafar* com os próprios familiares em casa – a supervisão não deve ficar limitada apenas aos casos de controle oficiais, recomenda David Rosenfeld (1992/1993), sendo mandatória se o paciente mostrar componentes psicóticos importantes durante o processo psicanalítico.

As sociedades psicanalíticas acabam se tornando ciosas da qualidade de seu saber, mantendo uma exclusão de quem não é do ofício, fazendo jus ao epíteto de torres de marfim. A escolha de quem está habilitado para partilhar conhecimentos, na chamada *Função Didática*, é outra questão a ser melhor qualificada. Conhecem algum "didata" que tenha feito algum curso ou pós-graduação em didática?

Repensando a minha trajetória dentro da SPPA, penso que estes últimos anos foram os mais produtivos para mim, certamente por ter participado do *Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica* e obter uma acolhida afetiva que me faltava em tempos anteriores.

3.4 SPPA e abertura

No site da SPPA[9], temos um belo exemplo de bom uso da internet e da necessidade de divulgarmos o que fazemos de modo mais afetivo e próximo dos leigos que nos procuram, ainda que apenas por curiosidade e mesmo que seja por causa de um traço de curiosidade patológica, o que também merece cuidados. Cabe a cada um de nós saber lidar com esses novos desafios das comunicações virtuais.

[9] Ver: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). (2023). www.sppa.org.br

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Recentemente, uma parceria com as universidades UFCSPA e UFRGS de Porto Alegre, via LIPSAM, Liga de Psiquiatria e Saúde Mental, que reúne profissionais e estudantes dessa área, fez conceitos de psicanálise chegarem ao público interessado, em uma atividade pública muito produtiva. Parcerias SPPA-Pescar, SPPA-SMED, as exibições de filmes e peças de teatro comentados por alguém da SPPA, o Café Literário e o canal oficial no *YouTube* exemplificam essa abertura para o social.

O mais precioso desses serviços penso que seja o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), que fornece análises a baixo custo para pessoas que dela necessitam. A SPPA possui uma Biblioteca bastante abrangente, mas as consultas são limitadas aos membros da Sociedade. Ainda no site, podem ser encontrados outros modos de interação com a sociedade, como contatos via aplicativos *WhatsApp, Facebook, YouTube, Instagram e Twitter.*

4 Minha práxis complexa

Do mesmo modo como a análise é interminável, também é a formação psicanalítica. Em uma semana de abril de 2022, tive duas experiências contratransferenciais que mostraram a necessidade de supervisão de minha autoanálise, algo que, lamentavelmente, precisarei fazer comigo mesmo, por falta de ter com quem fazer. É o ônus de seguir vivendo quando os mentores já deixaram de fazê-lo, enquanto os que poderiam vir a ocupar esse papel ainda não se configuraram no meu horizonte.

Decidi pôr em prática um antigo plano concebido com a minha mulher e anunciar que pararia de trabalhar em 18 de setembro de 2022, data em que minha mãe faria 110 anos, optando por uma aposentadoria voluntária antes que uma compulsória se impusesse. Emoções e protestos eram esperados, mas a resposta de *acting* de um me surpreendeu pela primariedade de um golpe de internet em que se deixou envolver, como se tentasse me provar que não pode ser "abandonado na rua", embora viesse há anos em um progresso aparentemente consistente, apesar de sempre ressaltar "que nosso casamento era até que a morte nos separasse..." Não tive oportunidade de relacionar a sua conduta com o meu anúncio anterior, até porque foi só *a posteriori*, na minha auto supervisão, que percebi a ligação. Em sessões seguintes, foi possível relacionar a sua "ingenuidade" com a ameaça de abandono e ele pôde retomar o ritmo de aumento de autonomia, ainda que a contragosto... Seguiu-se uma série de episódios que reforçaram esse sentido de uma chantagem afetiva para que eu não abandonasse o "pobre órfão desvalido". Na

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

medida em que vamos analisando essa conduta, está se mostrando um entendimento de que ele realmente prefere ser tutelado a tutelar e que, por isso mesmo, jamais se casou... Agora, a sua preocupação é quem vai cuidar dele quando ficar sozinho.

Outra pessoa encontra-se em um ritmo crescente de percepções importantes a propósito de seu desenvolvimento precoce com mãe tóxica, eu diria que até com momentos psicóticos não identificados como tal pela família, e me percebi com pena de interromper esse andamento de sua análise... Relembrando a ocasião em que Freud deu um prazo para o "Homem dos Lobos", ficou evidente para mim que ocorreu uma *aceleração* de todos os pacientes tentando uma elaboração prévia da separação. A sensação de abandono de uma levou-a a recordar que não lembrava de ser olhada por sua mãe quando pequena, sentindo como se a mãe tivesse inveja dela por ser a primeira neta dos avós e ter a atenção de todos na família, sentimento esse que lhe despertava intensa culpa inconsciente, agora reconhecida como sendo a fonte de seus sentimentos de desvalia.

Não contei quantos foram os que estiveram em meu divã desde os tempos de analista principiante, mas sempre rebelde, até estes dias de mudança paradigmática em que tentei repassar esta questão de como e porque existimos, velha questão filosófica que não é responsabilidade da psicanálise responder. Cabe a cada um, em sua autonomia, decidir qual trilha quer trilhar, assim como quando e porquê. O analista é um ajudante nesse processo de complexificação pessoal, se ele próprio passou por tal experiência e tem consciência disso.

5 Propondo uma utopia complexa para um mundo distópico

Precisamos de uma psicanálise que nos veja como entidades autônomas, inteiras, complexas, e não simplesmente como um somatório de ossos, músculos e nervos. Seres profundamente ancorados na biologia, que agora sabemos ser condicionante de relações com o nosso meio, de forma a construirmos a nós mesmos e ao nosso mundo pela autopoiese.

A ideia é resgatar o protagonismo dos seres humanos como agentes da própria transformação. Nessa perspectiva complexa, torna-se necessário tecer em conjunto as dimensões biológica, cognitiva e social da realidade humana.

Afirmo há muito que as ciências são na verdade uma só – o conhecimento –, e que esta divisão em diversas disciplinas, se por um lado facilitou o nosso entendimento de cada uma, por outro tem impedido as sínteses que agora aparecem com certa timidez. Mark Solms e seus companheiros propõem uma *Neuropsicanálise* em que os conhecimentos de uma e outra possam fertilizar

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

o enriquecimento de cada uma. No entanto, dada a fundamental relação com a biologia, pois todos os nossos pacientes são seres humanos vivos, então acho que o adequado para este momento seria uma *Neurobiopsicanálise*, conforme propus.

5.1 Ao modo do Uróboro, retornando ao início

Como avisei no início, aqui seria apresentado um resumo de mim mesmo, com todas as repetições e cabeçadas que me acompanharam ao longo deste percurso, mas que também fizeram com que eu me tornasse o que hoje sou.

Os dinossauros viveram no planeta durante 140 milhões de anos, mas nossa humanidade provavelmente não chegue nem a meio milhão. Sempre pensei que esta humanidade fosse inviável na sua configuração atual e condenada a existir por muito menos tempo, basicamente por ser movida por ambições e prepotências, uma civilização baseada na concorrência e no lucro, ao invés da solidariedade e consideração pelos demais. A guerra da Ucrânia está aí, com sua ameaça de uso de armas atômicas, genocídios, sofrimentos inauditos e ódios disseminados, como que para ilustrar este parágrafo.

Estaremos muito perto de um desfecho final, caso se persista na ignorância da necessidade de viver em consonância com a natureza. Ou achamos os dez homens justos ou damos adeus a Sodoma e Gomorra, "Terra nostra".

Nos últimos tempos, tenho conhecido, por intermédio de seus livros, Francisco Varela e Mark Solms, e, pessoalmente, conheci Humberto Maturana, Pierre Levy, Peter McLaren, Lia de Oliveira, Jorge Collus e Rosa Fontes, da Equipe com que trabalhamos em Braga, Portugal, e mais Karla Demoly, Deisimer Gorczevski e Maria de Fátima, sem esquecer toda a turma de amorosos colegas do *Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica* da SPPA, citados acima. Começo a pensar que talvez eu não tenha sabido valorizar o suficiente a quantidade de gente amorosa que existe no mundo. E isto que nem citei pessoas muito queridas, médicos, amigos e colegas que são muito numerosos para individuar, mas agradeço igualmente a todos.

É com gente assim que conto para construirmos uma psicanálise que dê conta das complexidades atuais, científicas, políticas e sociais.

Este é um texto que não termina enquanto eu próprio não terminar. Minha intenção até aqui foi mostrar que é possível viver no fluxo sem exigir uma *base sólida* para nos proteger das incertezas necessárias de um processo que está em constante mudança.

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

"Aqueles que atravancam meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho"
(Mario Quintana, 2005, ironizando não ser eleito para a Academia de Letras.) ❐

Abstract

Self-analysis: building my subjectivity
This paper deals with my process of subjectivation with implications in my psychoanalytic practice over sixty years in the light of the complexity paradigm. From the perspective of complexity, which replaces the fragmentation paradigm, my gaze joins the different dimensions of reality, and thus my subjectivity is inseparable from my praxis and the environment of which I was a part, the Psychoanalytic Society of Porto Alegre.

Keywords: Psychoanalysis; Complexity; Autopoiesis

Resumen

Autoanálisis: construyendo mi subjetividad
El presente trabajo aborda mi proceso de subjetivación con implicaciones para la práctica psicoanalítica que realicé a lo largo de sesenta años a la luz del paradigma de la complejidad. Desde la perspectiva de la complejidad, que reemplaza el paradigma de la fragmentación, mi mirada reúne las diferentes dimensiones de la realidad y, así, mi subjetividad se vuelve inseparable de mi práctica y del medio del que formaba parte, la Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Palabras clave: Psicoanálisis; Complejidad; Autopoiesis

Referências

Bateson, G. & Bateson, M.C. (2000). *El temor de Los Angeles.* Barcelona: Gedisa Editorial. (Trabalho original publicado em 1987)

Bion, W. (1966). Aprendendo com a experiência. In *Os elementos da psicanálise,* (Tradução de Jaime Salomão & Paulo D. Correa). São Paulo: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Costa, N.C.A. (1980). *Ensaio sobre os fundamentos da lógica,* (2. ed.). São Paulo: Ed. USP.

Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência.* São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1999)

Foehl, J. (2008). Follow the fox: Edgar A. Levenson's pursuit of psychoanalytic process. *The Psychoanalytic Quarterly,* 77(4).

Freud, S. (1966). Project for a Scientific Psychology. In Freud, S. *Standard Edition,* (Vol. 1, pp. 283-397). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (1966). The Ego and the Id. In Freud, S. *Standard Edition,* (Vol. 19). [S.l.: s.n.]. (Trabalho original publicado em 1923)

Hebb, D.O. (1949). *The organization of behavior: a neuropsychological theory.* New York: University, John Wiley & Sons.

Heimann, P. (1950). On countertransference. *Int. J. Psa,* 31.

International Psychoanalytical Association (IPA). (2023). *IPA: Inter-Regional Encyclopedic Dictionary of Psychoanalysis.* www.ipa.world/en/encyclopedic_dictionary/English/home.aspx

Jonietz, E. (2004). Demo: artificial retina. In *Mit Technology Review.* https://www.technologyreview.com/2004/09/01/232456/demo-artificial-retina/

Kuhn, T. (2003). *O caminho desde a estrutura,* (Tradução de Cesar Mortari). São Paulo, Ed. Unesp. (Trabalho original publicado em 2000)

Matte-Blanco (1975). *Unconscious as infinite sets.* London: Duckworth

Maturana, H. (1997). Biologia da linguagem: a epistemologia da realidade. In Magro, C., Graciano, M. & Vaz, N. (Org.). *A ontologia da realidade.* Belo Horizonte: Editora UFMG. (Trabalho original publicado em 1978)

Maturana, H. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo,* (3. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994)

Maturana, H. & Varela, F. (1990). *El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano,* (7. ed.). Santiago de Chile: Editorial Universitaria. (Trabalho original publicado em 1984)

Maturana, H., Uribe, R., Frenk S. (1968). A biological theory of relativistic colour coding in the primate retina: a discussion of nervous system closure with reference to certain visual effects. *Archivos de Biologia y Medicina Experimentales*. 1, 1–30.

Mit (Produção). (2021). *"Artificial retina chip for image processing"* [Canal You Tube]. Acessível em https://Www.Youtube.Com/Watch?V=Bpcnmkmlfxk

Mondzak, V. et al. (2013). Sobre representar e não representar. *Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* 20(3), 635-651.

Nicolelis, M. (2011). *Muito além do nosso eu.* São Paulo: Companhia das Letras.

Pellanda, L.E. (1996). Autoanálise: o outro lado do conhecimento. In Pellanda N. & Pellanda, L. (Org.). *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar.* (pp. 333-346). Petrópolis: Vozes.

Pellanda, L.E. (2010). Complexificação em psicanálise: um metro para medir. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* 17(2), 315-322

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Pellanda, L.E. (2019). Ação terapêutica da psicanálise vista desde o paradigma da complexidade. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* 26(3), 569-585.

Pellanda, L.E. (2022). Uma nova epistemologia para a psicanálise: propondo uma neutobiopsicanálise [2.0] "dois-ponto-zero". *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* 29(2), 275-295.

Pellanda, L.E. (2023a) Psicanálise e pandemia: o que muda na técnica e em nós. In Neto, M., Pellanda, N. & Chagas, M. (Org.). *A técnica como potência do humano.* Mossoró: Ed. UFERSA.

Pellanda, N.M.C. (2022) *Escrevendo na água: quase uma autobiografia*. Rio de Janeiro: Helvetia Editions.

Pellanda no Rio Grande do Sul. (2023b). *Ernesto Pellanda.* www.pellanda.com.br/Ernesto

Racker, H. (1952). Observaciones sobre la contratransferencia como instrumento técnico. *Revista de Psicoanálisis,* 9(3), 342-354.

Rosenfeld, D. (1993). *O psicótico: aspectos da personalidade.* Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1992)

Sacks, O. (1998). Sigmund Freud: the other road. In Guttmann, G. & Scholzyy-Strasser, I. (Ed.). *Freud and the neurosciences: from brain research to unconscious.* Viena: Verlag der Osterreischischen Akademie der Wissenschaften.

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). (2023). www.sppa.org.br

Solms, M. (2021). *The hidden spring: a journey to the source of consciousness.* London: Profile Books.

Von Foerster, H (1996). Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem In Schnitman, D.F. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade.* Porto Alegre: Artes Medicas.

Von Foerster, H. (2003) *Understanding essays on cybernetics and cognition.* New York: Springer-Verlag.

Varela, F., Thompson, E. & Rosch, E. (1993). *The embodied mind: cognitive science and human experience.* Massachusetts: MIT press. (Trabalho original publicado em 1991)

Recebido em 07/03/2023
Aceito em 26/04/2023

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Luiz Ernesto Cabral Pellanda
Rua Dr. João Satt, 25/903-A
91340-010 – Porto Alegre, RS – Brasil
pellanda@mac.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de